

**A CRIANÇA, DE FREUD A LACAN: DO IDEAL AO OBJETO**

**Autora: Suzana Faleiro Barroso**

**Psicanalista membro da EBP/AMP, professora da Faculdade de Psicologia da PUC-Minas, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ**

**E-mail: suzanafaleirobarroso@gmail.com**

**Resumo:**

O texto discute a formulação lacaniana – criança generalizada – correlativa à civilização do declínio do pai, onde se verifica a tendência à transformação do sujeito em objeto

**Palavras-Chave:** criança, corpo, ideal, objeto a

**THE CHILD, FROM FREUD TO LACAN: FROM IDEAL TO THE OBJECT**

**Abstract:**

The text discusses the lacanian formulation – widespread child - the civilization of the corresponding decline of the father, where there is a tendency to transform a subject into object.

**Keywords:** child, body, ideal, object a

## **A criança, de Freud a Lacan: do ideal ao objeto<sup>1</sup>**

**Suzana Faleiro Barroso**

### **Introdução: o termo “criança generalizada” e seu contexto**

Inicialmente, pretendo situar o contexto da psicanálise lacaniana a partir do final da década de 60, no qual emerge o termo “criança generalizada”, num momento bastante fecundo para a psicanálise com crianças. As novas formulações elaboradas nessa época sobre o Outro, sobre o objeto, sobre o sujeito do gozo e o corpo contribuíram, decisivamente, para a clínica com a criança, sobretudo, para a criança psicótica. Até então, a contribuição lacaniana de maior ressonância para a psicanálise com crianças tinha sido a teoria do falo construída a partir de **O seminário, livro 4: a relação de objeto**.

Podemos lembrar uma série de seminários e textos dos anos 60 que viabilizaram avanços fundamentais para a clínica com criança, dentre os quais destaco dois textos publicados nos **Outros Escritos**: “Alocução sobre as psicoses da criança” (1967) e “Nota sobre a criança (1969)”. Na alocução proferida por Lacan, na Jornada sobre a criança alienada, organizada por Maud Mannoni, encontramos o termo “criança generalizada” em oposição às “pessoas grandes”. As questões que preparei para esta conversa se apoiam também em dois comentários de Éric Laurent sobre essa alocução, que souberam extrair das palavras de Lacan todo o valor que elas realmente têm. São eles: “La psicoses em el niño, segun la enseñanza de Lacan” (1982) e “Hay un fin de análisis para los niños” (1999).

A expressão “criança generalizada” é representativa da convergência de temas abordados por Lacan na sua intervenção no congresso de 1967, a saber, o inconsciente, o gozo, o corpo, a relação sexual, o real como impossível, temas tratados em relação ao discurso analítico e ao discurso da ciência. Por estarem ausentes das exposições dos analistas participantes do congresso, essas questões atraíram a atenção de Lacan. Ele se colocou, claramente, em desacordo com os pós-freudianos, vendo nas suas concepções da psicose infantil, da relação mãe-criança e da própria análise o problema do desconhecimento da ação do significante na constituição do ser falante, além da incapacidade de estabelecer o *status* da fantasia como o que conjuga o desejo e o gozo, inclusive na relação mãe-criança. Por não se darem conta de que entre a mãe e a criança há a dimensão do gozo e da linguagem, os pós-freudianos criaram, segundo Lacan, uma espécie de fantasia postíça sobre a harmonia instalada no habitat materno.

Da alocação de 1967 podemos extrair consequências teóricas, clínicas e políticas para a psicanálise com crianças. Se não existe gente grande, todos somos crianças. É o que o termo “criança generalizada” propõe discutir a partir da questão do gozo e da responsabilidade subjetiva. O que se supõe como elemento separador entre a criança e o adulto não seria a cronologia, nem a puberdade, mas sim a posição ética de cada um em relação ao seu modo de gozo. Se todos somos crianças, quem é que responde pelo modo de gozo de cada um?

Com a formulação “criança generalizada”, Lacan chama nossa atenção para as características da atual civilização do declínio do pai, dentre as quais se destaca a tendência à objetualização do sujeito, proveniente do laço social típico da aliança entre a ciência e o capital. A irresponsabilidade quanto ao modo de gozo de cada um assim como a segregação, ambos frutos da ação universalizante do discurso da ciência, já estavam sendo apontadas por ele em 1967 como tendências crescentes na civilização. É “[...] o problema mais intenso de nossa época, na medida em que ela foi a primeira a sentir o novo questionamento de todas as estruturas sociais pelo progresso da ciência” (LACAN, 1969/2003, p.360). Diante disso, ele endereçou-se aos analistas para colocar-lhes uma questão relativa ao futuro da psicanálise: “Estaremos nós à altura do que parecemos, pela subversão freudiana, ser convocados a carregar — o ser-para-o-sexo?” (LACAN, 1968/2003, p.363).

O ser-para-o-sexo é aquele marcado em sua origem pela castração, isto é, pela perda de gozo do vivente, perda que dá lugar à estruturação da realidade por meio do quadro da fantasia de cada sujeito. Tanto para a criança quanto para o adulto, a responsabilidade subjetiva quanto ao modo de gozo de cada um só pode advir da construção da fantasia que anima o sujeito, o que implica construir uma versão do objeto do qual o sujeito dispõe, segundo a idade que tenha. Laurent introduziu a noção de “desenvolvimento lacaniano do sujeito” (LAURENT, 1999, p.41), a saber, o desenvolvimento tomado na estrutura e que implica a contingência da incidência dos objetos da pulsão (oral, anal, olhar, voz, objeto nada) sobre o sujeito. A meu ver, trata-se da concepção de desenvolvimento a ser extraída de **O seminário, livro 10: a angústia**.

Mas que lugar tem hoje a fantasia, o ser-para-o-sexo, diante do peso da ciência sobre a subjetividade contemporânea que vigora desde a infância?

Para tratar essa questão, é preciso situar, primeiramente, o ponto de vista freudiano sobre a criança na civilização e o ponto de vista lacaniano. Em seguida, proponho discutir algumas figuras da criança-objeto na contemporaneidade e, por fim, pretendo trazer uma reflexão sobre o biopoder e seus efeitos sobre o ser-para-o-sexo.

### **“Sua majestade o bebê”: a fórmula freudiana da criança ideal**

Esta expressão — “sua majestade o bebê” — se encontra no texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914) e constitui uma fórmula freudiana para situar a criança, seu lugar e seu valor na estrutura familiar. *His majesty the baby* é uma referência de Freud a um conhecido quadro da era eduardiana,<sup>2</sup> da Academia Real, que trazia esse título e mostrava dois policiais londrinos interrompendo o tráfego intenso para deixar que uma babá atravessasse a rua empurrando um carrinho de criança.

No texto de 1914, Freud comentava as relações entre pais e filhos, explicando o amor e o investimento libidinal dos pais nas crianças, segundo a política dos ideais. “O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual, transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior” (FREUD, 1914/1976, p.108). A transformação em jogo do lado dos pais implica a substituição de uma satisfação autoerótica pelos ideais civilizatórios, que visa a amalgamar os ideais com as pulsões. A atitude dos pais afetuosos para com os filhos é uma revivescência e reprodução de seu próprio narcisismo, que de há muito abandonaram. Assim, eles se acham sob a compulsão de atribuir todas as perfeições ao filho e de ocultar e esquecer todas as deficiências dele, o que pode explicar a negação da sexualidade nas crianças. Em nome da criança, os pais renovam as reivindicações por privilégios aos quais foram forçados a renunciar.

“A criança terá mais divertimento que seus pais; ela não ficará sujeita às necessidades que eles reconheceram como supremas na vida. A doença, a morte a renúncia ao prazer, restrições à sua vontade própria não a atingirão; as leis da natureza e da sociedade serão ab-rogadas em seu favor; ela será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação — ‘Sua majestade o bebê’, como outrora nós mesmos nos imaginávamos” (FREUD, 1914/1976, p.108).

Desse modo, supõe-se que a criança concretizará os sonhos dourados aos quais os pais jamais tiveram acesso. Ao menino caberá o destino de herói e à menina o de princesa.

Podemos perguntar: qual a lógica dessa situação na qual a criança reinaria como ideal do eu do casal parental? Trata-se do regime de gozo paterno, segundo o qual é a política do ideal do eu que governa os laços de família com base na estrutura edipiana, enquanto matriz organizadora do destino das pulsões, tanto para o sujeito masculino como para o sujeito feminino. Para Freud, “além do seu aspecto individual,

esse ideal tem seu aspecto social, constitui também o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação” (FREUD, 1914/1976, p.119). A família vela o traumatismo que está em jogo para o ser falante, ou seja, o gozo. Por exemplo, a própria formação de uma família pode-se pautar no ideal de ser pai e de ser mãe como uma solução para a impossibilidade da relação sexual.

O lugar para a criança correlacionada ao Ideal do Eu foi formalizado por Lacan no Esquema R em “Uma questão preliminar” (1958). Esse esquema se constitui de três planos: o triângulo do imaginário, a faixa do real e o triângulo do simbólico. No triângulo do simbólico, encontramos uma tríade de termos, I, P e M, que são as fundações significantes do sujeito no Édipo. Considerando, então, os vértices do triângulo simbólico, temos I, como ideal do eu, M, como o significante do objeto primordial, e P, como a posição em A do Nome do Pai, isto é, “três significantes onde se pode identificar o Outro no complexo de Édipo” (LACAN, 1958/1998, p.557). No triângulo do imaginário, encontramos os termos homólogos à tríade significativa do simbólico,  $\phi$ ,  $i$  e  $m$ , localizados no nível do significado, do lado onde está o sujeito. Esses três termos, respectivamente, o falo, a imagem especular e o eu, designam as imagens que assumem o papel de guias.

A conjunção entre os planos simbólico e imaginário se apresenta no Esquema R sustentada pela articulação entre o elemento do vértice do triângulo simbólico, o pai, e o elemento do vértice do triângulo imaginário, o falo. A posição do falo no vértice do triângulo imaginário é homóloga ao posicionamento do Nome do Pai no lugar do Outro no vértice do triângulo simbólico. A ligação de um termo a outro é de ordem metafórica. Num plano, o do imaginário, temos a imagem fálica  $e$ , no outro, o do simbólico, temos o significante. Enquanto significante da falta, indexador do desejo e da libido, o falo orienta o acolhimento da criança na fantasia dos pais e a constituição das suas identificações. Porém, qualquer abalo nas identificações imaginárias, promovido pelo encontro com o gozo, é suficiente para desvelar o corpo pulsional, a exemplo do que se passa com o pequeno Hans. A esse encontro ele responde com o sintoma fóbico, que viabiliza a localização do gozo fora do corpo. Ser o falo  $e$ , depois, renunciar a sê-lo definiria, então, o percurso da posição infantil até o encontro com a castração para todo sujeito inscrito na lógica fálica do gozo.

Foi também Freud quem primeiro nos advertiu quanto ao conflito entre pulsões x ideais, gerador de impasses tanto do lado dos ideais quanto do lado das pulsões, com consequências para a vida sexual. “Onde não se formou tal ideal, a tendência sexual em questão aparece inalterada na personalidade sob a forma de uma perversão” (FREUD, 1914/1976, p.118). Chamo a atenção para essa citação, porque

ela é elucidativa do mal-estar contemporâneo, cujo matema foi proposto por Miller:  $a > I$ . Pois temos aqui a supremacia do objeto em relação ao ideal, o que está na base de outro regime de gozo distinto do regime edipiano e que foi antecipado por Lacan, desde os anos 30, quando ele já preconizava o declínio social da imago do pai. Isso atingiu, definitivamente, a estrutura da família moderna, até então orientada pelo Ideal. No avesso das famílias, vamos encontrar outra referência para situar a criança que, ao contrário, desvela o brilho fálico de sua majestade o bebê.

### **“Sua majestade o mais-de-gozar”: uma fórmula lacaniana para a criança na contemporaneidade**

Para falar da criança contemporânea, que parece apresentar-se, de modo crescente, mais capturada no gozo dos pais do que nos seus ideais, retomo as palavras de Lacan em **O seminário, livro 17, o avesso da psicanálise**, com as quais Éric Laurent inaugurou o debate sobre o estatuto da criança-objeto em 1999. Disse Lacan: “O objeto  $a$  é o que são todos vocês, na medida em que estão aqui enfileirados — todos abortos do que foi, para aqueles que os engendraram, causa de desejo. E é aí que vocês têm que se orientar, a psicanálise lhes ensina isto” (LACAN, 1970/1992, p.170). Vemos, portanto, como essa citação explicita uma enorme distância entre o que Freud descreveu como sendo a “majestade o bebê”, na relação entre pais e filhos, e o que Lacan descreve como a “criança-objeto” para os pais. Essa distância evoca aquela discutida em **O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**, a saber, a distância entre o  $I$  e o  $a$ , que, nesse seminário, orienta a discussão do final de análise.

Com as transformações sociais promovidas pela ciência, os objetos mais-de-gozar passam a seduzir o sujeito, a capturá-lo para além dos ideais do Outro (LACADÉE, 2007). A ascensão social do objeto mais-de-gozar é concomitante ao enfraquecimento da função paterna, isto é, do “ao menos um” essencial à transmissão da castração. No lugar da autoridade exercida em nome do pai, mediante seu declínio, a sociedade tende a suprimir a orientação do ideal, ordenando-se a partir da autoridade exercida em nome da ciência e da universalização que ela introduz no mundo. Em contraponto com a formulação freudiana descrita antes, pode-se pensar uma outra, mais lacaniana, a saber, “sua majestade o mais-de-gozar”, isto é, a criança capturada no gozo próprio e no de seus pais, com inteira cumplicidade do discurso da ciência.

A posição da criança enquanto objeto da subjetividade materna, compensador de seu “a menos” de gozo, somada à demissão paterna, coloca no horizonte de nossa época a tendência à objetualização do sujeito. O objeto mais-de-gozar tem o caráter de compensação do gozo perdido, perda esta imposta pela operação do significante sobre o corpo, que separa o gozo do corpo. Esse objeto tem uma dupla face, pois, ao mesmo tempo em que promove um “a mais” na economia do gozo, ele também sempre denuncia uma falta de gozo, o que indica, no discurso do capitalismo, a “necessidade do mais-de-gozar para que a máquina funcione” (LACAN, 1970/2003, p.434). O caráter compensador do mais-de-gozar se refere ao mal-estar decorrente do discurso do mestre, que, estruturalmente, é insuficiente para nomear o gozo particular de cada um.

Em “Nota sobre a criança” (1969), ao articular o sintoma com a estrutura familiar, Lacan indica o efeito para a criança da queda do ideal.

“A distância entre a identificação com o ideal do eu e o papel assumido pelo desejo da mãe, quando não tem mediação (aquela que é normalmente assegurada pela função do pai), deixa a criança exposta a todas as capturas fantasísticas. Ela se torna o ‘objeto’ da mãe e não mais tem outra função senão a de revelar a verdade desse objeto” (LACAN, 1969/2003, p.369).

A criança como objeto pode alienar em si qualquer acesso possível da mãe à sua própria verdade, de três modos distintos, a saber: dando-lhe corpo, isto é, encarnando a verdade do Outro, dando à verdade uma exterioridade, ou protegendo-a. Disso decorre o privilégio dado por Lacan ao sintoma somático da criança. No lugar da fobia, que, para Freud, assumiu o caráter de neurose da infância por excelência, Lacan destaca o sintoma somático enquanto aquele que predomina onde não há a mediação paterna. “O sintoma somático oferece o máximo de garantia a esse desconhecimento; é o recurso inesgotável, conforme o caso, a atestar a culpa, servir de fetiche ou encarnar uma recusa primordial” (LACAN, 1969/2003, p.370).

Do texto “Nota sobre a criança” (LACAN, 1969/2003) extraímos uma série diferencial da posição da criança em relação ao objeto de gozo: a criança-sintoma está para um fantasma imaginado na neurose, assim como a criança-fetiche está para um fantasma realizado na perversão, e a criança-objeto está para um fantasma real na psicose (CIACCIA, 1988).

De fato, o *falasser*<sup>3</sup> nasce na condição de objeto em relação à subjetividade materna, sendo que podemos identificar duas vertentes desse objeto, a de objeto fálico e a de objeto condensador de gozo. O objeto fálico, que está fora do corpo, é marcado pela castração e implica a interação e a circulação dos interesses libidinais

entre a mãe e a criança. O objeto condensador de gozo é o resto que escapa à significação fálica da criança no desejo da mãe e implica o real pulsional. A operação de falicização da criança, isto é, a conexão da criança real ao valor fálico que ela terá para a mãe não é completa e deixa sempre um resto. De uma parte a criança é *semblant* de um ideal e de outra parte ela permanece como objeto real.

### **Algumas figuras da criança-objeto**

O surgimento de um novo discurso sobre a família no final da década de 60 trouxe consigo os especialistas, praticantes das ciências sociais e humanas e que constituem um sintoma da nova família. O especialista é requisitado com base nos critérios da competência científica, muito mais do que por meio de uma suposição de saber. Em parceria com a ciência, a sociedade contemporânea inaugurou, portanto, um modo de intervenção junto à criança, que não é sem relação com a atual situação da família. Esta não conta mais com o poder dos ideais paternos para orientar a inserção da criança na civilização.

As mutações da família, cujos registros indicam dados elevados do número de divórcios, da procriação fora do casamento e, por outro lado, de baixa da fecundidade, também a colocaram sob a mira do Estado, além de ser alvo da ciência. Os especialistas são, portanto, convocados à presença e à intervenção junto à família, que, sob a responsabilidade das políticas públicas de saúde, se tornam objeto das mais diversas formas de vigilância, observação, controle, acompanhamento e prevenção dos problemas da vida privada. São pesquisadores de diversas disciplinas que se colocam a serviço da atual desordem familiar, visando a regular a vida do casal de acordo com a boa forma de viver a sua sexualidade, ou aconselhar os pais quanto à melhor maneira de adaptar as crianças à realidade. É raro recebermos uma criança no consultório que já não tenha sido submetida aos mais diferentes métodos terapêuticos, dentre os quais se pode destacar a prevalência dos medicamentos.

Até os anos 60, e ainda como repercussão do aparecimento da psicanálise com crianças divulgada pelos seguidores de Anna Freud e Melanie Klein, tivemos o apogeu do movimento transferencial dos pais, que, frequentemente, buscavam nos analistas não somente o tratamento do sintoma da criança, mas também um parceiro na educação dos filhos. Os ideais libertários, ainda em vigor nessa época, incrementaram a transferência dos pais à psicanálise. Levar uma criança para análise significava, de acordo com os ideais profiláticos, um investimento valioso, uma espécie de passaporte para a vida adulta bem-sucedida. O pai de Hans foi exemplo de um pai sob

transferência. Hoje em dia, levar o filho para uma análise implica uma escolha em meio a uma oferta cada vez mais sofisticada de soluções alternativas, e, muitas vezes, é a aposta que resta em face do fracasso de outros métodos. O que importa para o analista é qual posição tomar diante do fracasso dos especialistas, malgrado toda a intenção dos pais de incluí-lo na mesma série.

Ao lado disso, crescem as queixas de abuso sexual, que acontece, cada vez mais, nas melhores famílias. Um exemplo paradigmático da infância marcada pelo abuso sexual abordado por Lacan foi o caso de Gide, que não será desenvolvido aqui. Tanto a criança medicalizada quanto a criança abusada são representativas da tendência à dessubjetivação da criança. Quando medicalizada, ela e seus pais se mantêm à margem do saber sobre o que se passa. O analista se vê diante de total desimplicação subjetiva no sintoma — essa é uma situação muito comum envolvendo o fracasso escolar, por exemplo. A “criança da inclusão”, expressão empregada no campo da educação, para nomear aqueles que foram classificados segundo o manual dos transtornos do desenvolvimento, experimenta, de modo contundente, os efeitos da segregação. Geralmente, as explicações para o fracasso da criança na relação ao saber se concentram em algum déficit a ser reparado, com total exclusão do sujeito.

Quando abusada sexualmente, mais ainda, a criança é despossuída de seu estatuto de ser-para-o-sexo. Uma série de procedimentos legais, respaldados na gestão jurídica dos laços de família, tem a função de apontar o culpado e vitimizar a criança. A substituição da realidade da fantasia pela realidade dos fatos tende a desresponsabilizar a criança quanto à parte que lhe cabe na cena. Nesse contexto, a descoberta freudiana da sexualidade infantil corre o risco de se tornar totalmente obsoleta.

### **O ser-para-o-sexo e a biopolítica**

Recentemente, em casos distintos, duas mães de crianças em análise relataram a ingerência do discurso da ciência na vida de suas filhas, ambas com 10 anos de idade. A questão surgiu a partir de um exame feito com endocrinologistas, sugerido pelos pediatras, cujo resultado atestava uma idade óssea adiantada em relação ao previsto pela idade cronológica das crianças, o que indicava a iminência da primeira menstruação. Diante disso, o endocrinologista teria recomendado a administração de hormônio específico para retardar a menstruação, por ter avaliado que as meninas ainda eram muito infantis para menstruar. Uma dessas mães foi-me perguntar o que fazer diante da recomendação médica. Porém, a outra, que se encontrava angustiada

com as dificuldades da filha, havia adotado a recomendação médica, até que a menina amadurecesse um pouco mais.

Esse fragmento clínico, no entanto, é mais um que nos leva a discutir sobre o destino do ser-para-o-sexo, causa da interrogação de Lacan dirigida aos analistas na sua alocução de 1967. Como a psicanálise poderá enfrentar os ventos que sopram em direção a uma "hiperbiologização do homem" (RIBEIRO, 2003, p.33), que parece estabelecer novas fronteiras entre natureza e cultura?

Para Foucault (1979), o controle da sociedade sobre os indivíduos no capitalismo moderno não se opera por meio da ideologia, mas começa no corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal, que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. Um exemplo evidente da ação do poder da dimensão biopolítica da sociedade de controle são as revistas semanais brasileiras e suas recomendações de automonitoramento da saúde física e psíquica, verdadeiros manuais de autoajuda para a vida sexual, alimentar, neuronal, afetiva, econômica, social etc.

A atuação do poder sobre os corpos, denominada de biopoder, designa principalmente dois níveis de exercício do poder: de um lado, as técnicas que têm como objetivo um treinamento ortopédico dos corpos, as disciplinas e o poder disciplinar; de outro lado, o corpo entendido como pertencente a uma espécie com suas leis e regularidades. Foucault elaborou o conceito de biopoder para designar o poder de administrar, controlar e formar as populações, posto em funcionamento, sobretudo, em paralelo à emergência do Estado do bem-estar social, incluindo a educação, a saúde, a assistência etc. Os princípios básicos da disciplina são: a) ela é uma arte de distribuição espacial dos indivíduos; b) a disciplina exerce seu controle não sobre o resultado de uma ação, mas sobre o seu desenvolvimento; c) é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos; d) funciona por meio de um controle minucioso do tempo.

François Ansermet (2006), num texto bastante otimista, intitulado "Os efeitos iatrogênicos da predição", discute a questão da predição em diversas situações da vida, articulando-a ao determinismo, em contraponto às contingências. A ideia de uma possível descontinuidade no futuro vai contra a predição. Os atos do sujeito que responde, que inventa, que escolhe implicam a descontinuidade e rompe com o determinismo. Para o autor, a plasticidade neuronal descoberta pela neurociência introduz a descontinuidade mesmo no nível biológico, assim como na linguagem o significante introduz a dimensão do equívoco, do mal-entendido. "Ser biologicamente

determinado para receber a incidência da experiência, do Outro, do ato do sujeito” (ANSERMET, 2006, p.66).

Aos impasses do “ser-para-o-sexo” na civilização atual, pode-se estimar o problema crescente do “ser-fora-do-sexo”, ao considerarmos a expansão da psicose infantil no mundo. Com o título “Inside the world of autism”, a **Revista Time** (maio/2002) divulgou uma longa reportagem sobre a explosão do número de crianças autistas nos Estados Unidos. Vale marcar que isso acontece ali, precisamente de onde parte o maior incremento à visão hiperbiologizante do homem. Há até bem pouco tempo, o autismo era raro, diz a revista, e afetava uma em cada 10.000 pessoas. Os últimos estudos, no entanto, sugerem que há pelo menos um caso de autismo em cada 150 crianças com menos de 10 anos de idade no país. Com certa perplexidade, a matéria enfatiza a falta de uma explicação para o fato, a despeito das descobertas científicas, as mais recentes, sobre os determinantes genéticos do autismo.

## **Conclusão**

Para concluir, retomo as palavras de Lacan, primeiramente, em sua “Alocução sobre as psicoses da criança” e, depois, em **O seminário, livro XVII**.

Da “Alocução” podemos extrair uma recomendação ética, cuja pertinência hoje me parece ser maior do que no final dos anos 60, a saber, opor-se à situação na qual “seja o corpo da criança que corresponda ao objeto *a*” (LACAN, 1967/2003, p.366).

Do **Avesso da psicanálise** podemos retirar também a orientação para o real, isto é, a orientação ensinada pela psicanálise e que implica o objeto causa de desejo: “E é aí que vocês têm que se orientar, a psicanálise lhes ensina isto” (LACAN, 1970/1992, p.170). Para além dos ideais edipianos, produzir uma versão do objeto *a* se torna uma direção para o tratamento, isto é, a chance que a psicanálise pode dar à criança, seja ela neurótica ou psicótica, de tomar uma “posição do gozo” (LAURENT, 1999, p.42), por analogia à posição do inconsciente.

## **Referências:**

ANSERMET, F. “Les effets iatrogènes de la prédiction”, In: \_\_\_\_\_. **Enfants turbulents: l'enfer est-il pavé de bonnes préventions?** Paris: Éditions Érès, 2008. p.59-68.

CIACCIA, A. "Quelques notes sur la psychose chez l' enfant dans l'enseignement de Lacan", In: \_\_\_\_\_. **La clinique differentielle des psychoses**. Paris: Navarin, 1998. p.184-189.

FREUD, S. (1914/1976). "Sobre o narcisismo: uma introdução", In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**, 3.ed. Rio de Janeiro: Imago, V. XIV, p.85-119.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

LACADÉE, P. **L`eveil et l`exil**. Nantes: Éditions Cécile Defaut, 2007.

LACAN, J. (1967/2003) "Alocução sobre as psicoses da criança", In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 361-368.

\_\_\_\_\_. (1969/2003) "Nota sobre a criança", In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p.369-370.

\_\_\_\_\_. (1957-58/1998) "De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose", In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 537-590.

\_\_\_\_\_. (1969/70). **O Seminário. Livro 17: O avesso da psicanálise**. Versão Ari Roitman. Texto estabelecido por Jacques Alain Miller. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

LAURENT, E. "La psicosis em el niño, segun la enseñanza de Lacan", **Quarto - Révue de Psychanalyse**, Bruxelles: ECF-ACF en Belgique, n.IX, decembre, 1982.

\_\_\_\_\_. (1999) "Hay un fin de análisis para los niños" In: \_\_\_\_\_. **Hay un fin de análisis para los niños**. Buenos Aires: [ ], p.23-42.

RIBEIRO, R. J. "Novas fronteiras entre natureza e cultura", In: \_\_\_\_\_. **O homem-máquina, a ciência manipula o corpo**. São Paulo: [ ], 2003. p.15-36

---

<sup>1</sup> Texto apresentado na IV Conversação Clínica do Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, em 23 de outubro de 2010.

<sup>2</sup> Trata-se do final da era vitoriana na Inglaterra na primeira década do século XX, que estimulou um novo estilo de vida de uma elite sofisticada, influenciada pela arte e pelas modas da Europa continental.

<sup>3</sup> Tradução para a palavra francesa "*parlêtre*", ser falante, ou aquele que tem seu corpo afetado pela língua, o que implica que o corpo, para a psicanálise, não se reduz à imagem unificada.